

## CURTIR, COMENTAR, COMPARTILHAR: O RITUAL DE *LIKES* NA CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM REDE

Gustavo Haiden de Lacerda (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Luciana C. F. Dias Di Raimo (Orientadora), e-mail: gustavo.haiden@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR

**Área: Linguística. Subárea: Teoria e Análise Linguística**

**Palavras-chave:** Discurso Digital, *Likes*, Subjetividade

### Resumo:

Este texto apresenta um apanhado dos resultados e reflexões desenvolvidos no projeto de pesquisa, que tinha por objetivo compreender se (e de que modo) as reações nas redes sociais digitais atingem a constituição das subjetividades *online*, partindo da hipótese de que as curtidas, os comentários e os compartilhamentos sejam vestígios da presença difusa do sujeito pelas diferentes redes. Alicerçados nos postulados teórico-metodológicos da Análise de Discurso pecheutiana, analisamos diferentes “efeitos-reação” nas plataformas *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, no intuito de observar como as reações se atualizam em cada uma delas e de que formas os sujeitos se dão a ver nesse processo. Nossas análises conduziram-nos à compreensão de uma *injunção à reação*, isto é, uma necessidade engendrada em rede, tanto técnica quanto ideologicamente, para que os sujeitos-usuários curtam, comentem e compartilhem, estipulando coordenadas para um ritual discursivo determinado, cujos efeitos delineiam uma subjetividade reativa e hiper-ativa, roteirizada em comandos de cliques, sem deixar de, ela própria, instalar pontos de contradição que podem subverter a estabilidade do algoritmo.

### Introdução

A discursividade do mundo, tal como se apresenta na atualidade, é atravessada pelo digital, entendido, conforme a acepção de Dias (2018), não como mero suporte tecnológico, mas enquanto parte das condições de (re)produção dos discursos. Nesse contexto, a própria constituição das subjetividades, ou seja, a produção dos sujeitos e suas relações com os sentidos, com os outros sujeitos e consigo mesmos é afetada por outra forma de discursividade, nesse caso, a digital.

Partindo dessa constatação, mobilizamos-nos na investigação de qual é o papel das redes sociais digitais nesse processo, especificamente a função que as diferentes reações *online* exercem nas relações intersubjetivas via

discurso. A esse jogo discursivo denominamos “efeito-reação”, para indicar que, como parte constitutiva do discurso das redes, as reações se produzem enquanto “efeito”, no encontro do técnico (ícones a serem clicados, espaços a serem acessados) com o discursivo (o silêncio, a falha, a contradição), pelo trabalho da ideologia, não reduzida a ocultação da realidade, mas, conforme Pêcheux (1990), relação necessária do sujeito com o discurso.

## Materiais e métodos

Para a construção de um *corpus* de análise propriamente discursivo, confrontamo-nos, em um primeiro momento, com o material bruto por meio de coleta em três plataformas de compartilhamento (*Facebook, Instagram e Youtube*), recortando *posts* de perfis públicos, atentando não para a postagem em si, mas ao “efeito-reação” a ela, ou seja, enfocamos as curtidas, os comentários e os compartilhamentos (notadamente, aqueles que são postados publicamente). Conforme Orlandi (2005), não podemos perder de vista que um *recorte*, em Análise de Discurso (AD), não é a mera segmentação do discurso; é, sim, uma operação constitutiva da análise, cujos efeitos (de enfoque, de silêncio...) se estendem sobre o próprio percurso analítico, delimitando o gesto de leitura.

No movimento pendular entre teoria e método, o contato com o material foi demandando certos conceitos do quadro teórico da AD, os quais, por seu turno, apontavam para diferentes procedimentos de análise. Partindo da hipótese de que as diferentes reações são traços evasivos da presença do sujeito pelas redes digitais, consideramos os “efeitos-reação” como parte de movimentos (*contra-)*identificatórios com base em um *imaginário* de interação (ilusão de comunicação todos-todos).

Ademais, em termos teórico-metodológicos, entendemos que os dispositivos da AD são produtivos para a discussão acerca das reações, pois um estudo discursivo, conforme postula Pêcheux (1990, p. 57), deve “detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados”, tendo em vista uma montagem discursiva submetida à descrição. Nosso investimento teórico-analítico visou justamente tomar os “efeitos-reação” como *materialidade discursiva* no encontro entre a técnica e o ideológico em funcionamento no discurso digital, bem como considerá-los “gestos de interpretação” na relação do sujeito com o sentido, “efeitos de identificação assumidos e não negados”.

## Resultados e Discussão

Em um primeiro momento, de descrição dos materiais analisados, buscamos distinguir as formas de reação das diferentes redes sociais e notamos que: (1) os comentários são uma constante, agrupados em um espaço próprio e secundário, o que sinalizava que, embora constitutivos, apresentavam-se marginais, nas margens; (2) esses comentários são “curtíveis” e

“replicáveis”, isto é, além da postagem em si, os próprios comentadores, pelo gesto de publicar o comentário, oferecem-no para o tribunal de *likes* e *replies*; (3) sendo publicados, os *posts* estavam submetidos ao ritual de curtidas, que se realizam de diferentes formas nas redes: no *Youtube*, opera-se com a disjunção “gostei”/“não gostei”; no *Instagram*, a disjunção é curtir/permanecer em silêncio, o que aproxima o silêncio ao “não gostei”; e no *Facebook*, o *like* é cindido em outros fragmentos de reação (“*like*”, “*amei*”, “*força*”, “*haha*”, “*wow*”, “*triste*”, “*grr*”), aparentemente multiplicando as formas de inscrever os afetos, mas ao mesmo tempo tornando-os equivalentes, como se todos gostassem, amassem, ficassem tristes da mesma forma. Repetição do mesmo; roteirização dos afetos.

Compreendemos como regularidade central, para além da evidência empírica das curtidas, uma discursividade própria aos “efeitos-reação” que, de um lado, os fazem constitutivos das redes, como uma moeda de troca das relações simbólicas e imaginárias pelo digital – o que nomeamos *injunção à reação* –, ao passo que, por outro lado, tornam evidente que clicar em “curtir” significa, de fato, *gostar* de algo. Para nós, o clique, enquanto gesto simbólico, tenta metaforizar (no sentido lacaniano do termo: transferir) o afeto em *like*.

Essa compreensão, em uma segunda investida analítica, no batimento descrição-interpretação proposto por Pêcheux (1990), encaminhou-nos à consideração dos “efeitos-reação” como elemento discursivo (significante e histórico) de um ritual de subjetivação pelo digital, inaugurando novas formas de *ser sujeito de* e *estar sujeito a* seu discurso. Identificando-se pela via das curtidas, comentários ou compartilhamentos, os sujeitos-usuários inscrevem-se em uma prática de significação que também os significa.

Inscriver-se, nas condições de produção do discurso digital, é “escrever-se”, na linha do que explica Dias (2018) com a noção de *escrituração*. Segundo a autora, para fazer parte das redes e tornar públicas suas postagens é preciso – injuntivo – que o sujeito se submeta à visibilidade do ciberespaço, o que quer dizer que ele necessita escrever(-se) para inscrever(-se).

Em todo ritual, porém, funciona uma falha (PÊCHEUX, 1995); ou ainda: ao entrar no circuito do semanticamente normal(izado), o sujeito esburaca a malha homogênea e instala ali uma falta, isto é, um espaço de movência dos sentidos, que, por sua vez, desestabiliza esse ritual discursivo. Para nós, a existência do sujeito em rede, ainda que determinada ideológica e inconscientemente, é um risco à estabilidade da máquina, um resíduo irreduzível que se situa entre regular seu dizer e ser regulado por ele.

Uma tal falha se atualiza nos “efeitos-reação” quando, por exemplo, os comentários a uma publicação questionam não somente o que se posta, mas também as reações que são mobilizadas. Durante nossa pesquisa, ocorreu a decisão da administração do *Instagram* em ocultar o número de curtidas por parte dos usuários que navegam pela plataforma. Entre todas as discussões possíveis, desde as implicações psicológicas às consequências financeiras, o que nos chamou particularmente a atenção foi o remanejamento do valor do *like* em si, que continua existindo e sendo valorado, mas o que a

ausência da métrica representa: que, mesmo enquanto valor quantitativo, as curtidas marcam uma falta com a qual jamais estamos em dia.

## Conclusões

Em face ao que vimos discutindo, pela necessidade de um efeito de fecho, arriscamos resumir nosso percurso de pesquisa concluindo que há uma estabilidade do ritual discursivo das reações, funcionando pelo imaginário, pela evidência ideológica, mas há também uma falha latente, sinalizada pela presença – sempre difusa – de um sujeito afetado por um desejo e, conseqüentemente, por uma falta, capazes de desestabilizar esse mesmo ritual. Nessa contradição, entre repetições e deslocamentos, o que nomeamos “efeito-reação” deu visibilidade a um processo de subjetivação de tipo novo que se efetua a partir da discursividade digital. Por fim, cabe a ressalva de que esses são resultados de análise resumidos para o propósito deste texto; todas as considerações tecidas aqui merecem (e, com efeito, realizamos isso) desenvolvimentos mais detalhados. Muito ainda fica por ser dito e investigado em trabalhos futuros.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Fundação Araucária, pelo financiamento à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realizá-la. Em segundo lugar, agradeço à Profa. Dra. Luciana Dias Di Raimo por orientar essa empreitada e pela atenção com que sempre me recebeu.

## Referências

- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.